COMOMMODITIES • A crise devastou o preço das matérias-primas

OE 2020 • O cenário externo mudou com a COVID-19

Nº 89 ★ Junho 2020 ★ 200Mt ★ €5

Edição Moçambique

O RETORNO DO FUTEBOL

O grande futebol está de regresso à TV, com estádios, por enquanto, vazios.
Um símbolo da "nova normalidade" que tenta fintar a pandemia. Transferências milionárias não faltarão quando reabrir o mercado de jogadores.
Os clubes, incluindo os moçambicanos, fazem contas à vida. Os da elite europeia são demasiado grandes para cair. Segue o espectáculo.

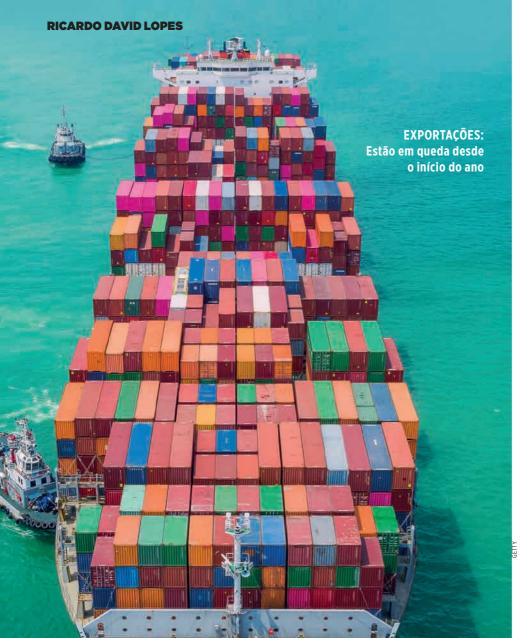
INOVAÇÃO Comércio electrónico dispara



COMMODITIES DOSSIER

A DOENÇA DAS COMMODITIES

O novo coronavírus "infectou" as *commodities* prejudicando a balança comercial moçambicana, já de si deficitária. Com as exportações concentradas no carvão e no alumínio, as receitas voltaram a cair no primeiro trimestre. O segredo está na diversificação da economia, com o agro-negócio a precisar de ganhar peso



ideia de que no diversificar é que está o ganho aplica-se como uma luva à economia moçambicana, hoje mais do que nunca — e, sobretudo, daqui em diante. As exportações do país estão em queda desde o início do ano, em valor, depois de já terem recuado no ano passado, a sofrer agora o impacto da pandemia da COVID-19 quer por reduções na produção, quer pela baixa das cotações internacionais dos principais produtos vendidos ao exterior, algo que já se tinha feito sentir em 2019.

As receitas das exportações estão concentradas nos sectores do carvão e do alumínio, com quase 70% do total, pelo que não é de espantar que, agora, paguemos a factura. A procura de ambas as matérias-primas está em baixa, assim como o preço, o que se reflecte nas contas finais: o país arrecadou, entre Janeiro e Março, de acordo com dados do banco central, pouco mais de 1,1 mil milhões de dólares com tudo o que vendeu para fora.

O CARVÃO E O ALUMÍNIO REPRESENTAM QUASE 70% DAS EXPORTAÇÕES

A chave, defende o jurista Guilherme Daniel, *partner* do escritório de advogados Vieira de Almeida, está na diversificação da economia para que as receitas dependam menos de poucas matérias-primas, como acontece actualmente — problema que pode agravar-se no futuro, quando entrarem em operação os megaprojectos de gás natural previstos.

"A diversificação é uma grande vantagem, porque a economia continua a funcionar, salvo nos casos em que o impacto de uma crise seja imediato, e a saída da crise é facilitada após a COVID-19", explica o jurista, para quem o governo deve reforçar a aposta no sector agrícola, o que aliás está previsto no Plano Quinquenal 2020-2025.

"Cerca de 10% do Orçamento do Estado nos próximos cinco anos será para a agricultura", lembra Guilherme Daniel, que aponta como sectores estratégicos a avi-

cultura e produções associadas (caso do milho ou soja, por exemplo), ou a cultura de alimentos "básicos", como a batata, a cebola ou o tomate.

"É uma área para a qual o país está a olhar com muita atenção", afirma, lembrando que o sector agrícola, mesmo em momentos de crise, nem é dos que mais sofre e as pessoas precisam sempre de comer.

Olhar para lá do carvão, do alumínio e até do gás é necessário. Dados do Banco de Moçambique indicam que, entre Janeiro e Março deste ano, as receitas provenientes das exportações destes produtos diminuíram fortemente, em particular as do carvão, a matéria-prima que mais dinheiro rende a Moçambique, que afundou mais de 40%.

VALE DEIXA CAIR OBJECTIVO

A Vale garante que até agora a produção se mantém, mas admite haver dificuldades à vista, pelo que deixa de assumir a meta de produção que a multinacional brasileira tinha avançado.

"A mina de Moatize, na província de Tete, continua a trabalhar, estando garantida a continuidade do negócio em Moçambique", garantiu a empresa num comunicado referente aos resultados do primeiro trimestre. No documento, a empresa refere que vai "manter a exploração de carvão activa, ainda que de forma mais limitada".

"Devido às incertezas decorrentes da pandemia do novo coronavírus, que incluem a postergação da reforma da unidade de processamento em Moçambique (sem nova data de início), a Vale retira o guidance para a produção de carvão em 2020 e não pode indicar novo guidance no momento", acrescenta.

Guilherme Daniel reforça que "a Vale está quase parada, quer pelo facto de muitos expatriados terem regressado ao Brasil [por causa da pandemia], quer, especialmente, porque o principal cliente é a China", ainda longe de recuperar do impacto do novo coronavírus.

Não é difícil fazer as contas ao mal que a pandemia está também a fazer a esta indústria. O preço do carvão (ver gráficos nestas páginas) já caiu cerca de 22% desde o início do ano (até 20 de Maio, data da recolha de dados para este artigo). O do alumínio, por seu turno, baixou quase 17,6%, em linha com a baixa das cotações internacionais do acúcar, do algodão ou do caju.

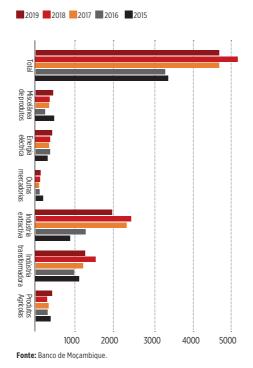
Apostar na agricultura e toda a cadeia do agro-negócio faz, assim, ainda mais sentido, até porque, em geral, o desempe-

nho das exportações nesta área tem sido positivo, e porque aquilo que produzirmos aqui deixaremos de ter de importar, gastando divisas sem que se crie valor no país.

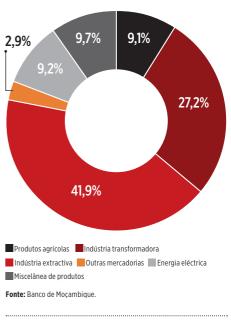
No ano passado, por exemplo, as receitas oriundas das exportações agrícolas, com um peso de menos de 10% nas exportações

A MARCA DAS NOSSAS EXPORTAÇÕES

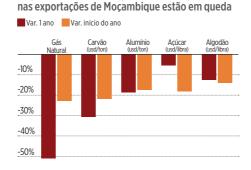
TENDÊNCIA DE SUBIDA (em milhões de dólares) No ano passado, as exportações recuaram cerca de 9% face a 2018, mas há uma tendência de subida nos últimos cinco anos



O PESO DAS EXTRACTIVAS (peso em % do total) As indústrias extractiva e transformadora valeram, no ano passado, mais de dois tercos das exportações, a agricultura pesa menos de 10%

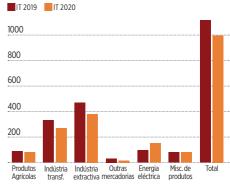


PREÇOS EM QUEDA Os preços das matérias-primas mais importantes



Fonte: Trading Economics

RECEITAS DESLIZAM (IT colectado — milhões de dólares) Entretanto, nos primeiros três meses do ano mantém-se uma tendência de queda nas receitas, face ao homólogo, fruto da redução de produção e preços, nalguns casos



Fonte: Banco de Moçambique



totais, subiram cerca de 42,7% face a 2018, com vários produtos a crescerem a três ou mesmo quatro dígitos — caso do algodão.

MENOS DEPENDÊNCIA

Tiago Dionísio, economista-chefe da Eaglestone Securities, concorda que a agricultura deve estar no mapa moçambicano, a par de projectos nas indústrias extractivas e outras, mas defende que, ao contrário de outros países, Moçambique está menos exposto às variações de uma só matéria-prima e de um só comprador. "Há uma dependência importante do carvão e do alumínio, mas bastante inferior à de outros países africanos exportadores de commodities, como Angola ou a Nigéria, onde mais de 90% das suas exportações dizem respeito ao petróleo. Por outro lado, Moçambique exporta para um número variado de países, com destaque para a África do Sul e a Índia (17% do total)", adianta o responsável, para quem "ter uma base diversificada de clientes é também um factor importante para enfrentar melhor os efeitos da actual pandemia".

O economista lembra que "a indústria extractiva tem atraído mais de metade do investimento directo estrangeiro no país nos últimos anos" e enumera outros "sectores relevantes", como a indústria trans-

PREÇO DO CARVÃO CAIU 22% DESDE JANEIRO. O DO ALUMÍNIO 17,6%

formadora e do transporte, armazenagem e comunicações. "Penso que estes sectores continuarão a ser talvez os que vão atrair maior interesse", antecipa, adiantando que "os países melhor posicionados deverão ser Itália, França e EUA devido ao sector do gás".

Mas há outros países que têm demonstrado maior interesse por Moçambique nos últimos anos, como os Emirados Árabes Unidos e a Holanda, diz o responsável, para quem é agora importante "assegurar que as empresas continuam a operar o melhor possível e que os trabalhadores continuam a receber o seu ordenado".

"A introdução de algumas medidas temporárias de alívio fiscal poderia ajudar tanto as empresas, como os trabalhadores", refere o economista-chefe da Eaglestone, que tem escritórios em Lisboa, Luanda, Moçambique e Joanesburgo, entre outros, estando em três grandes áreas de actividade — assessoria financeira, private equity e mercado de capitais. Nalguns casos, defende, teria mesmo "de haver um apoio financeiro directo aos agentes económicos, empresas e particulares", e as medidas "teriam também de ser bastante focadas nos sectores da economia mais afectados pela pandemia e/ou também naqueles com maior peso no PIB".

"A agricultura representa cerca de 20% do PIB moçambicano, mas sectores como os transportes e comunicações, retalho,

indústria transformadora e mineiro são também bastante relevantes para o país."

EMPRESAS PRECISAM DE DINHEIRO Guilherme Daniel também defende que devem existir medidas para apoiar sobretudo a liquidez das empresas, ainda que entenda que o Estado, por ter pouca capacidade financeira, não consiga abdicar

O ESTADO DEVE SER CRIATIVO NAS MEDIDAS DE APOIO A EMPRESAS

de receitas fiscais para ajudar a economia a retomar.

"O Estado tem que ser mais criativo" neste contexto, defende o sócio da Vieira de Almeida. "Mesmo que não sacrifique receita fiscal, o governo poderá ter de, por exemplo, vir a aceitar diferir alguma receita", afirma, acrescentando que a própria Segurança Social "também poderia reembolsar as empresas" de parte das contribuições.

O problema, lembra o jurista, é que a redução da actividade está a deixar muitas empresas sem liquidez para pagar sequer os salários, optando muitas vezes por despedir pessoal em vez de tentar baixar custos fixos, reduzindo os salários com a aprovação dos trabalhadores. A lei, lamenta, não o permite.

"Mesmo que haja um acordo entre empresa e trabalhador para uma redução temporária e extraordinária do valor do salário, tal é nulo perante a lei", afirma, apelando a que o governo adopte "medidas legislativas de curto prazo, adaptadas à situação excepcional" que vivemos. "O que está em causa é salvar empregos."

CAJU A SOFRER

Na área agrícola, o sector do caju é um dos que mais está a sofrer, não apenas pela queda do preço e da produção, mas por causa das condições do mercado, que favorecem os estrangeiros em detrimento dos investidores nacionais, alerta a associação AICAJU.

Em entrevista à EXAME (ver pág. 56), o vice-presidente da associação denuncia

a concorrência desleal que é feita por asiáticos, sem que o governo adopte medidas de protecção aos nacionais.

Em meados de Maio, recorde-se, a AICAJU anunciou em comunicado que "o processamento de castanha [de caju] este ano não deverá chegar às 35 mil toneladas, o que representa uma quebra acima de 30% quando comparada com as cerca de 52 mil toneladas processadas o ano passado".

"O país tem, neste momento, menos de dez fábricas de processamento primário a operar, sendo que algumas irão parar a meio deste ano, estima-se que em Agosto, por falta da matéria-prima", um problema que a associação diz ser fruto de "uma tendência de comercialização negativa dos últimos anos, uma vez que a indústria nacional tem vindo a processar cada vez menos castanha". "As quebras do processamento da castanha-de-caju justificam-se pelo contexto, particularmente adverso, em que os industriais nacionais

estão a operar, com a crescente concorrência agressiva e protegida por parte de players internacionais, como é o caso da Índia e do Vietname, e pela não actualização das medidas de resposta domésticas a este novo paradigma", lamenta a AICAJU. "Ao aumentar a sobretaxa da importação da amêndoa acabada de 45 para 70%, no ano passado, a Índia aumentou ainda

GOVERNO APROVOU UM SUBSÍDIO AO PREÇO DO ALGODÃO-CAROÇO PARA 2019-2020

mais o poder de compra e a capacidade de influenciar mercados por parte dos seus industriais", denuncia a associação, que explica que, agora, os processadores asiáticos "podem comprar, em Moçambique, matéria-prima a preços inflaciona-



COMMODITIES DOSSIER

dos e desleais, desvirtuando o mercado com impacto negativo na indústria nacional, na cadeia de valor de transformação e, por último, nos cofres do Estado".

No sector do algodão as notícias são mais animadoras, apesar de uma quebra de 45% nas receitas de exportação no primeiro trimestre do ano, face ao homólogo, motivada também pela baixa de cerca de 14% na cotação internacional desta *commodity*.

O Conselho de Ministros aprovou no mês passado um subsídio ao preço do algodão-caroço para a campanha 2019-2020. Em comunicado, a Associação Algodoeira de Moçambique (AAM) refere que este subsídio, no valor de 6 meticais por cada quilo de algodão-caroço, "permitirá elevar o valor das compras [deste produto] aos produtores para cerca 1,1 mil milhões de meticais, o que representa uma enorme ferramenta de desenvolvimento rural".

"Este apoio é, sem dúvida, um marco histórico na política agrária e económica

REDUÇÃO DA ACTIVIDADE ESTÁ A DEIXAR MUITAS EMPRESAS SEM LIQUIDEZ

nacional e um sinal real e indiscutível da aposta séria do governo na agricultura e na população rural", adianta o documento, que garante que este "não é um subsídio ao consumo, mas sim à produção e às famílias produtoras". A associação liderada por Francisco Ferreira dos Santos afirma que, "no actual contexto de grande crise económica global, causada pela pandemia da COVID-19, em que o algodão tem sido um dos produtos agrícolas mais afectados, este subsídio vai, por um lado, proteger o rendimento de quase um milhão de pessoas do meio rural, e por outro representa um claro incentivo à produção e produtivi-

dade, na medida em que se consegue um aumento preço do algodão-caroço face ao praticado na campanha anterior".

ALGODÃO EM ALTA

Na próxima campanha de 2020/21 teremos ainda mais produtores motivados e a produzir mais algodão, prevendo-se, por essa via, um aumento no valor das exportações em pelo menos 12 milhões USD, o que, refere a AAM, representa "mais de três vezes o valor do subsídio" a este sector, que "assiste mais de 200 mil famílias. Associado ao algodão, o subsector transformador "conta com dez fábricas de processamento, gerando cerca de 40 mil postos de emprego directo e indirecto na cadeia de valor".

Guilherme Daniel também vê com bons olhos este tipo de medidas, porque reflectem a aposta do governo na agricultura. "A ideia é que possam existir mais subsídios para sectores produtivos da economia."

